

AUSTRÁLIA

Destinos icônicos, como Sydney, Melbourne, a Grande Barreira de Corais e a quase espiritual Uluru, no coração do país, são responsáveis por um recorte inspirador dessa nação que pulsa em autenticidade



AUSSIE, AUSSIE, AUSSIE

Emoldurada por praias de beleza hipnotizante e com florestas tropicais, cidades multiculturais, um deserto que aquarela em tons vermelhos e uma biodiversidade endêmica de vida selvagem, a Austrália é um destino que pulsa em autenticidade

Por Carlos Marcondes



Algumas regiões da Austrália propõem um convite quase irrecusável a descobertas e imersões na natureza

(casa) Tourism NT/Shana McNaught, (canguru) Tourism Australia/Jarrad Seng

A Austrália é conhecida como The Lucky Country. A fama é verdadeira e é embaçada em significativos predicados de civilidade e em estudos como o do National Australia Bank, que revela que 94% dos Aussies (apelido dos australianos) acreditam que o gigante da Oceania é um ótimo lugar para viver. Trata-se de um retrato de um povo feliz e orgulhoso. Essa não é apenas uma percepção interna. O país sempre está em torno dos principais pódios – é o 5º no Índice de Desenvolvimento Humano (ONU) – e suas principais cidades têm cadeiras cativas no top 10 das melhores do mundo para viver. É uma nação com cultura e padrão de vida bastante homogêneos, mas de natureza plural, com paisagens que lembram outro planeta, como a inacreditável Pink Lagoon, no lado ocidental.

Já na mala de desejos de quem busca desbravá-la pela primeira vez entram em cena destinos icônicos, como Sydney, Melbourne, a Grande Barreira de Corais e a quase espiritual Uluru – a maior rocha monolítica do mundo, no coração do país. A terra de coalas e de cangurus é daqueles destinos que merecerá novas jornadas. Ao final da viagem ficará a convicção de que a natureza australiana é impecável na arte de surpreender e nos inspirar para autodescobertas.

PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE EM QUEENSLAND

Quando dizem que a Austrália é recheada de superlativos não é *fake news*. Uma de suas principais estrelas é simplesmente o maior sistema de organismos vivos da Terra. O parque marinho que abriga a Grande Barreira de Corais se espalha por imensuráveis 344 mil quilômetros de extensão – quase o tamanho da Alemanha – e guarda 10% de todo o coral do planeta, em 2,3 mil quilômetros de comprimento ao longo da costa do estado de Queensland. Falamos de um bioma com 3 mil recifes de corais em águas que abrigam 600 ilhas continentais, 300 ilhotas de coral e cerca de 150 ilhas de mangue costeiras. Toda essa absurda biodiversidade foi reconhecida pela Unesco como patrimônio da humanidade em 1981. O título tem sido questionado nos últimos anos, período em que 91% dos corais foram afetados de alguma forma em razão do aumento da temperatura e da acidez do oceano provocado pelas mudanças climáticas.

Parte da comunidade científica critica a Austrália por não fazer tudo o que poderia para mitigar esses danos. Em contrapartida, afirma-se que em Canberra estão sendo investidos recursos significativos na proteção dessa maravilha da natureza. A boa notícia é que há sinais recentes que indicam resiliência dos corais, que estariam se recuperando lentamente. O quadro real ainda está sendo avaliado. Mas a preocupação é legítima e a simples ideia de que o planeta possa perder toda essa vida subaquática chega a ser desesperadora. Principalmente quando o visitante faz a dupla conexão com a Grande Barreira de Corais: do ar, no mágico sobrevoo; e na água, em um mergulho, seja com tanque, seja apenas com snorkel.



(mergulho) Tourism Port Douglas and Daintree/Darren Jew, (Grande Barreira de Corais) Tourism Australia/Maxime Coquard

Resiliência: maior sistema de organismos vivos do planeta, a Grande Barreira de Corais trava uma luta constante contra o aumento da temperatura e da acidez do oceano

WHITSUNDAY E CAIRNS

Para chegar até a Grande Barreira, há diversas opções de acesso pela costa de Queensland, como Bundaberg e Townsville, mas são Whitsunday e Cairns as principais portas para o paraíso. O acesso mais popular entre os australianos é pelo arquipélago de Whitsunday, na parte mais ao sul da Grande Barreira. Formado por 74 ilhas belíssimas, é um éden para velejadores, que chegam ali durante todo o ano. A simpática Hamilton Island é base para o cobiçado sobrevoo de helicóptero de sonhos sobre a Grande Barreira

de Corais. Nesse passeio avista-se o Heart Reef, uma formação de recifes esculpida pela natureza que criou um desenho de um coração perfeito, do tamanho de dois campos de tênis, encravado no Pacífico. A aeronave, que leva apenas dois passageiros também pousa em uma plataforma no meio do mar para mergulhos de snorkel. A experiência emocionante se encerra com um pouso na estonteante Whithaven Beach, praia de areia branca que figura em todos os rankings como uma das mais belas do mundo. São sete quilômetros de

orla acessados apenas por mar ou ar. Pelo ar, aliás, é possível observar as águas cristalinas e até mesmo avistar a silhueta de tubarões e de outros grandes animais, o que nos leva a refletir sobre o quanto a Terra é extraordinária e precisa ser preservada. Para aqueles que querem focar nos melhores mergulhos, Cairns (mais ao norte) é o suprassumo da Scuba. A cidade em si não tem tantos atrativos, mas respira debaixo d'água, com impressionantes locais como os recifes de corais Norman, Saxon, Flynn, Milln e Pellowe.

SYDNEY, A FOTOGÊNICA

Foi em Sydney, em 1770, que se deu o primeiro desembarque dos ingleses, bem como o início de uma relação que dura até hoje, tendo ainda o Rei Charles III como chefe "simbólico" do Estado. A cidade é a principal porta de entrada de brasileiros que chegam sedentos para conhecer o cartão-postal mais vistoso do país: a baía de Sydney, onde navegam veleiros e ferries em um cenário que contempla o singular teatro Opera House e a famosa ponte Harbour Bridge – estrela que ilumina as primeiras horas do ano novo católico.

Sua geografia chega a emocionar: banhada por todos os cantos, recortada pelas cinematográficas Headlands e com penhascos que dividem as praias. Além das obras-primas da natureza, nas pontas de quase todas as praias os australianos tiveram a incrível ideia de construir as chamadas Rock Pools, piscinas públicas de água salgada feitas parcialmente com as próprias rochas costeiras. A mais ilustre é a Bondi Icebergs Pool, na "Copacabana australiana", Bondi Beach. A piscina é bela, mas foge do padrão natural da maioria delas. E se não bastassem os penhascos e piscinas para o delírio de instagramers, há trilhas entre todas elas, nas quais visitantes e moradores compartilham caminhadas rodeados de panorâmicas espetaculares.

Sempre há algo vibrando em Sydney. Embora ela seja imensa, boa parte da vida cultural e dos atrativos principais se concentram nos arredores do CBD, no chamado

(Opera House) Tourism Australia/Greg Snell, (Barangaroo House) Tourism Australia/Kurt Tilse



Opera House: imbatível
cartão-postal de Sydney



A nova Barangaroo House faz parte do projeto de renovação urbana da cidade

centro comercial, que tem a George Street como artéria principal. A via liga a Central Station ao Circular Quay, na beira do cais, onde, além do ano-novo, ocorrem eventos como o festival de luzes Vivid, o festival gastronômico francês Bastille e tantos outros. No entorno do Circular Quay encontram-se também o Botanic Garden e museus como a novíssima Art Gallery of New South Wales e o Contemporary Art, esse último no coração do The Rocks – o bairro histórico da cidade, repleto de ótimos pubs e galerias de arte.

Entre os novos hotspots de Sydney está Barangaroo, uma pequena região, atrás da Harbour Bridge, fruto de um ambicioso projeto de renovação urbano que transformou um antigo terminal de contêineres em um centro com lojas e restaurantes descolados, além de ser palco de exposições culturais e arquitetônicas. Newtown, Surry Hills e Redfern – onde borbulha anualmente uma das mais representativas paradas LGBTQIA+ do planeta – completam as opções de bairros com pegada boêmia original e que evidenciam o quanto Sydney tem pintado sua alma de cosmopolita e multicultural.



(skylino) Tourism Australia / Time Out Australia / Roberto Soba, (rooftop bar) Visit Victoria / Robert Blackburn, (mosca) Tourism Australia / Ben McNamara

MELBOURNE, A CULTURAL

Transit Rooftop Bar e Queen Victoria Market. Na página ao lado, skyline plural de Melbourne cortado pelo Rio Yarra

A pouco mais de 800 quilômetros de Sydney, Melbourne é reconhecida por respirar cultura e por ser templo de eventos esportivos, como Fórmula 1, Aberto de Tênis da Austrália e Melbourne Cup – o turfe mais importante do hemisfério sul. A cidade leva a sério a gastronomia e é comum dizerem que sua população é a mais aberta e simpática da Austrália. A pluralidade de Melbourne é de fácil percepção. São mais de 140 culturas representadas ali, formando um verdadeiro caldeirão de etnias, idiomas e costumes que resultam em riqueza cultural. A gastronomia é um retrato dessa diversidade com vocação para oferecer opções asiáticas (como tailandesa, indiana e chinesa) com muita autenticidade. Também tem crescido a predileção por comida saudável, com incríveis alternativas orgânicas e de vegetarianos e veganos. Mercados gastronômicos como o Praharan e o tradicional Queen Victoria Market dão uma ótima ideia de como os *melburnians* levam a sério o que vai no prato.



O centro da cidade vive a vibe de ser cortado pelo Rio Yarra. Muitos dos atrativos locais ficam na margem do rio, repleta de restaurantes e com fácil acesso a ruas como a Flinders, onde está a homônima estação de trem – a segunda mais movimentada do país –, inaugurada em 1854 em um suntuoso prédio histórico construído no estilo barroco. O rio também dá acesso à Collins Street, apelidada de “Paris End”, que oferece uma expressiva coleção de designers europeus e *labels* como Dior, Chanel, Giorgio Armani e Burberry. Outro cartão-postal é o Australian Centre for the Moving Image, que proporciona uma viagem desde os primórdios do cinema até a era da inteligência artificial, incorporada recentemente em algumas películas hollywoodianas.



Federation Square, onde está localizado o Australian Centre for the Moving Image, e (acima) trecho da Great Ocean Road que passa pela formação rochosa 12 Apóstolos



(museu) Visit Victoria/Rob Blackburn, (costa) Tourism Australia/Greg Snell

O charmoso centro de Melbourne é daqueles planos, atrativos para andar de bicicleta ou até mesmo nos bondinhos elétricos que cortam o CBD. Diferentemente de Sydney, é uma cidade em que a noite teima em não acabar cedo. Há passeios próximos em regiões enoturísticas como Mornington Península e Yarra Valley, famosa pelos ótimos espumantes. Já em Phillip Island é garantido o encontro com pinguins e cangurus. Os marsupiais saltadores são fáceis de serem avistados em todo o país, o que não ocorre com os coalas – é raríssimo vê-los na natureza.

Melbourne é a base também para visitar o santuário do surfe Bells Beach, onde acontece uma das etapas do mundial, e

a cênica Great Ocean Road, a famosa rodovia de 243 quilômetros que passa pelos incríveis 12 Apóstolos – impressionantes formações rochosas de calcário que brotam da água bem próximas da estrada, um dos principais cartões-postais do estado de Victoria. Não espere ver uma dúzia de amigos de Jesus. Na verdade, nunca foram 12 gigantes, e sim 9, dos quais dois desapareceram devido à erosão e à força das ondas, restando sete em pé!

Uluru: a gigante de 348 metros de altura e 9,4 quilômetros de circunferência repousa solitária no Outback Australiano há 550 milhões de anos

(pedra) Tourism NT/Jess Bonde, (aborígene) Tourism NT/Felix Baker

A GIGANTE SAGRADA

Distante das praias, da alta gastronomia e de eventos urbanos, em um voo de três horas partindo de Sydney, o pouso é praticamente em um santuário. É uma outra Austrália, que muda de cor e passa a vibrar em ocre, em incontáveis tons de laranja e vermelho. O destino é Uluru, no âmago do deserto, no estado de Northern Territory. Ali, o protagonista é a maior rocha inteira monolítica da Terra. Um gigante de 348 metros de altura e 9,4 quilômetros de circunferência. Soberano, ele é a principal estrela do Parque Nacional Uluru-Kata Tjuta, outra maravilha também listada como patrimônio da humanidade pela Unesco.

Seu nome em inglês é Ayers Rock, que batiza o aeroporto mais próximo à rocha. Junto com um movimento nacional de valorização e respeito à história e à cultura aborígenes, cada vez mais forte no país, Uluru – termo sagrado dado pelos povos originários – é o que tem prevalecido na promoção internacional do destino.

A força espiritual mexe com a maioria dos visitantes. O povo

Anangu trata Uluru (Pedra Grande) como um santuário, concebido pela natureza 550 milhões de anos atrás. Segundo a crença, a rocha representa um lugar em que a Terra e as memórias coexistem como um só ser. Até 2019, visitantes costumavam escalá-la até o topo, o que era visto como uma atitude de imenso desrespeito pelos Anangu. Desde então, o governo proibiu a subida, e a experiência mais intimista passou a ser a caminhada refletiva a pé em

seu entorno. Para quem tiver tempo e quiser explorar com mais intensidade o Outback australiano, a cidade de maior infraestrutura é Alice Springs, a cerca de 5 horas de carro de Uluru. A vantagem de conhecer Alice Springs é poder ter mais contato com os povos originários, muito presentes na região, diferentemente de cidades como Sydney e Melbourne, onde é difícil encontrá-los integrados aos australianos de origem anglo-saxã.



1.100 ILUMINADOS

Dentro do parque nacional há mais de cem atividades para se integrar à região, desde um passeio em camelos até a visita ao Uluru-Kata Tjuta Culture Centre, que traz um overview completo sobre o que é a vida no deserto australiano. Mas há algo novo no ar. Na verdade, 1.100 novidades voando. A pronúncia do nome é desafiadora, *Wintjiri Wiru*, mas sua tradução é carinhosa, algo como "uma bellissima vista no horizonte". Trata-se de um show projetado por três anos, com investimentos de mais de R\$ 35 milhões, para contar a história do povo Mala, de Kaltukatjara até Uluru. Lançado no final de maio, é um evento hightech e multimídia, que utiliza drones e lasers coreografados em sintonia com músicas. São 1.100 drones no maior espetáculo dessas aeronaves no mundo, que acontece duas vezes por dia. Assistir a uma história milenar sobre uma poderosa rocha de milhões de anos, desenhada com uma tecnologia futurista em um lugar energizado, é algo que inspira os sentidos. Funciona como um prelúdio de reflexão ou meditação para quando as luzes se apagam e você estiver só, admirando Uluru ao som do silêncio do deserto. Nesse momento intimista, de autodescoberta e de força espiritual, talvez surja no pensamento um trecho de uma das canções mais famosas do país: "This is Australia", uma terra onde a natureza faz questão de mostrar o quanto é soberana. —



Tourism NT/Matt Glastonbury

teresa perez indica

QUANDO IR

Novembro a março

ONDE FICAR

Qualia, Hamilton Island: o Qualia está perfeitamente integrado à natureza do norte da Hamilton Island, uma das ilhas vizinhas da Grande Barreira de Corais. As *villas* têm linhas minimalistas e são feitas de arenito, madeira e vidro, com vista para a praia e para o mar. Os hóspedes podem relaxar no spa, na piscina privativa de cada *villa* ou nas duas grandes piscinas de borda infinita. Do hotel partem passeios para explorar o oceano e os corais. O Qualia tem o selo Luxury Lodges of Australia.

Park Hyatt Melbourne, Melbourne: boa parte dos quartos do Park Hyatt Melbourne tem vista para áreas verdes. Num raio de apenas uma quadra estão os parques Fitzroy, Treasury e do Parlamento. Para os esportistas, o hotel oferece aulas particulares de tênis, academia de ginástica e piscina coberta de água aquecida. No restaurante Raddi, dedicado à cozinha australiana moderna, a melhor pedida é o menu-degustação acompanhado de vinho.

Shangri-La Hotel, Sydney: as experiências oferecidas no último andar do Shangri-La Hotel, Sydney são inesquecíveis. Estão no 36º piso o Blu Bar e o restaurante Altitude. No primeiro se degustam os renomados vinhos locais, já no segundo é possível saborear a deliciosa cozinha australiana contemporânea. Lá do alto, descortina-se toda a baía de Sydney, com seus grandes ícones. Os quartos do hotel contam com janelas panorâmicas.

Longitude 131º, Uluru: as 15 tendas do Longitude 131º ficam em pleno deserto vermelho e proporcionam a melhor visão do majestoso Uluru/Ayers Rock. As tendas, na realidade, são suítes que oferecem todas as comodidades de um lodge contemporâneo. Do Longitude 131º, que faz parte da rede Luxury Lodges of Australia, partem passeios para conhecer os aborígenes e explorar a região. Após um dia de aventura, pode-se refrescar na piscina e jantar sob a luz das estrelas.

NAVEGAÇÕES

Para conhecer um panorama diferente da Austrália

As modernas navegações têm características especiais: comodidade, conforto, elegância, cenários revelados de perspectivas diferentes, cuidados com a sustentabilidade, alta tecnologia e inovação, exploração de lugares remotos... Conhecer a Austrália a bordo de um navio repleto de confortos contemporâneos e serviços dedicados revela um panorama diferente dessa nação de dimensões continentais. As principais companhias marítimas, como Silversea Cruises, Regent Seven Seas, Seabourn, Ponant e Oceania Cruises, mantêm rotas regulares pelo país, principalmente entre os meses de dezembro e fevereiro, com destaque para a época de festas de fim de ano, entre o Natal e o Réveillon. Em navegações com duração a partir de 14 dias é possível percorrer os principais destinos australianos, incluindo a Tasmânia, com sua fauna e flora endêmicas, e seguir jornada também pela Nova Zelândia e por alguns países da Ásia.

ISSN 2357 - 7452 **RS 40,00**



9772357745200 0111

THETRAVELLER.COM.BR

